

Eugenia e educação nos discursos de Renato Kehl e Octavio Domingues

Eugenic and education in the discourses of Renato Kehl and Octavio Domingues

Eugenesia y educación en los discursos de Renato Kehl y Octavio Domingues

Vinícius Dias de Melo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1689-7206>

Artur José Renda Vitorino

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8654-3182>

Resumo: Os discursos eugênicos afetaram decisivamente o mundo no século XX. No Brasil, pode-se destacar a contribuição de Renato Ferraz Kehl e Octavio Domingues, como os principais produtores de manuais educacionais sobre os temas da educação eugênica. Com o aporte teórico de Michel Foucault, foram evidenciadas algumas táticas engendradas para promover uma formação de docentes e discentes em torno da educação eugênica. Conclui-se, quanto aos discursos de Renato Kehl e Octavio Domingues, que a educação eugênica no Brasil foi o principal cenário do movimento eugênico e que esses autores contribuíram para a construção de novas concepções sobre educação eugênica para o contexto brasileiro e organizaram, discursivamente, a eugenia dentro do ambiente educacional.

Palavras-chave: educação; Eugenia; manuais; discursos; Foucault.

Abstract: Eugenic discourses decisively affected the world in the 20th century. In Brazil, the contribution of Renato Ferraz Kehl and Octavio Domingues can be highlighted, as the main producers of educational manuals on the themes of eugenic education. With the theoretical contribution of Michel Foucault, some tactics designed to promote the training of teachers and students around eugenic education were highlighted. It is concluded, regarding the speeches of Renato Kehl and Octavio Domingues, that eugenic education in Brazil was the main scenario of the eugenic movement and that these authors contributed to the construction of new conceptions about eugenic education for the Brazilian context and organized, discursively, eugenics within the educational environment.

Keywords: education; Eugenics; manuals; discourses; Foucault.

Resumen: Los discursos eugenésicos afectaron decisivamente al mundo en el siglo XX. En Brasil, se destaca la contribución de Renato Ferraz Kehl y Octavio Domingues, como principales productores de manuales educativos sobre temas de educación eugenésica. Con el aporte teórico de Michel Foucault, se destacaron algunas tácticas diseñadas para promover la formación de profesores y estudiantes en torno a la educación



eugenésica. Se concluye, respecto a los discursos de Renato Kehl y Octavio Domingues, que la educación eugenésica en Brasil fue el principal escenario del movimiento eugenésico y que estos autores contribuyeron a la construcción de nuevas concepciones sobre la educación eugenésica para el contexto brasileño y organizaron, discursivamente, La eugenesia en el ámbito educativo.

Palabras clave: educación; Eugenesia; manuales; discursos; Foucault.

1 Introdução

A presença, nos séculos XX e XXI, de categorias raciais e étnicas em diversas esferas da sociedade, do saber e da prática científica levanta a preocupação de inúmeros pesquisadores sobre o tema. Rose (2013, p. 222) – em seu livro *A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI* – pensa, a partir do Projeto Genoma e de outros tratados sobre genética e medicina do século XX, nas possíveis causas da permanência dessas categorias na prática e no discurso de diversas ciências do século XXI:

O debate contencioso acerca de raça, genômica e saúde a que Collins se referiu assumiu novo viés desde o lançamento do Projeto Genoma Humano, nos começos dos anos 1990. Tem sido o mais acirrado possível nos Estados Unidos, dada a saliência das discussões sobre racismo ali, mas os pesquisadores genéticos e biomédicos de muitos países diferentes também têm se envolvido em tais controvérsias. O debate tem se focalizado em se, na era genômica, categorias raciais ou étnicas têm algum significado biológico ou são meramente culturais.

As preocupações em torno da genética reverberam até os dias atuais, e a categoria racial encontra-se no centro das preocupações das ciências genéticas, pois há problemas em traçar limites sobre a dimensão genética e a cultural. Não há consenso a respeito do modo como separar o que pertence ao meio externo, cultural, do que é interno, natural. Ao longo de diversos contextos nacionais, na sociedade brasileira, por meio da ação do Estado, especialistas de diferentes áreas tentaram por diferentes modos estabelecer relações entre educação, categorias de raça e melhorias para a sociedade, o que torna um desafio para uma pesquisa analisar em que medida se afastam ou se aproximam esses relacionamentos na nação brasileira.

A ciência eugênica surge no final do século XIX na Inglaterra, desenvolvida por Francis Galton, como a ciência do aprimoramento da raça. A Inglaterra lidava com o aparecimento da multidão, das massas de operários degenerados, Londres contava com mais de 4 milhões de habitantes em 1890. A multidão degenerada habitava os bairros de operários em má condições de higiene, má qualidade de alimentação, epidemias, alcoolismo e a loucura. Diante deste quadro de crise e degeneração social, as ideias e ações do Darwinismo

Social e da Eugenia vão ganhar forma e força perante os meios intelectuais e políticos da época. Francis Galton era o típico burguês vitoriano, estudava diversos temas científicos, participava de sociedades de intelectuais, realizava explorações por territórios coloniais e divulgava suas pesquisas nos meios intelectuais e políticos. Por meio da divulgação de seus estudos sobre talento, degeneração e hereditariedade, desde 1865, ele galgou espaço para suas teorias sobre hereditariedade e o aperfeiçoamento da raça. Na primeira década do século XX, sociedades eugênicas surgem em outros países, a ciência de Galton conseguiu ultrapassar as fronteiras inglesas e por meio de tais sociedades e do estudo da eugenia em universidades a circulação das ideias eugênicas se intensificou (Diwan, 2013).

No caso brasileiro, é inegável que mesmo antes da chegada dos enunciados eugenistas, por meio das universidades e sociedades intelectuais, já se mantinha diálogo com teorias racistas e de aperfeiçoamento social e moral. No meio intelectual e médico brasileiro era comum a leitura e divulgação de livros, relatos e teorias de antropólogos, exploradores e outros intelectuais europeus. Este contato com teorias racistas, somado ao contexto da diversidade étnico-fenótica brasileira, criou um contexto receptivo para a teoria eugênica e suas aplicações (Diwan, 2013).

É neste contexto que Renato Ferraz Kehl e Octavio Domingues encontram na eugenia uma solução para o problema do progresso brasileiro, impossibilitado graças à composição racial brasileira, força geradora da decadência moral, intelectual e física. Estes dois autores e eugenistas brasileiros foram exemplos da participação em sociedades intelectuais internacionais, estabelecendo conexões estrangeiras, recebendo e enviando cartas, jornais, livros e periódicos. Kehl e Domingues também estimularam as sociedades eugenistas brasileiras, participaram de sua promoção em rádios, impressos, jornais e no meio universitário, buscando a propagação para obter adesão à causa eugenista.

Contudo, apesar da ampla atuação e produção desses dois autores, o enfoque deste artigo está circundado na educação de crianças, jovens e professores, utilizando como fonte, alguns manuais eugenistas desenvolvidos para esses públicos.

Os manuais sobre a eugenia, até meados do século XX, chamam a atenção devido a questões que se perfilam até os dias atuais, como no caso da ética e dos limites de aplicação dos saberes explorados por diversos setores científicos. Afinal, conforme constatamos a partir das fontes selecionadas para este artigo, é empírico o fato de que a eugenia e a higiene – como ciências do aperfeiçoamento do ser e da vida humana – estabeleceram relações com instituições estatais como a educação, no caso observado nesta pesquisa, mais especificamente, relações discursivas por meio de manuais voltados para crianças, jovens, adultos, professores e a sociedade em geral. Nesse ponto, até o presente momento, não há estudos que tenham colocado esses manuais em conjunto como fontes para uma pesquisa da relação da educação com a eugenia e a higiene – além disso, há o problema

de caracterizar os limiares da ciência eugênica e da ciência higiênica a partir do que se pode dizer sobre elas em um determinado suporte.

Consideramos a categoria de manual a partir da noção da posição, no caso, da posição neutra e atual do sujeito de Foucault (1987, p. 107-108): “[...] o sujeito do enunciado é a posição absolutamente neutra, indiferente ao tempo, ao espaço, às circunstâncias [...] o sujeito do enunciado é também o sujeito da operação (aquele que coloca a existência, é, ao mesmo tempo, quem coloca o enunciado”. Com essa noção, a categoria de manual, diferentemente de outros modelos e suportes discursivos, configura-se como um suporte material que apresenta enunciados passíveis de serem apreendidos (ocupados) por qualquer sujeito-leitor, pois as operações se efetuam no próprio discurso, e o sujeito quase nunca necessita de um *a priori* discursivo, ele apreende os enunciados no próprio momento de leitura. Assim, os requisitos para a leitura são mínimos, e o conteúdo, portanto, é dirigido e acessível a leigos. A única variação neste caso é a presença de um intermediador, um professor, no caso das crianças e jovens. No caso dos adultos, o próprio manual contém a explicação de conceitos mais elaborados e não conhecidos no meio do professorado, como nos manuais de Octávio Domingues, tornando possível um aprendizado sem necessitar de um *a priori* de conhecimentos correlatos ao tema.

O especialista¹ está envolvido em relações dentro de uma unidade discursiva científica. Os enunciados que utiliza se emaranham em uma teia de relações que formam o domínio discursivo, e estabelece-se esse discurso, por meio da negação, da afirmação e da exclusão de um conjunto de saberes que determinam sua fronteira de métodos, categorias e objetos, os quais geram um destaque chamado de unidade. No caso, uma ciência, cuja legitimação de *status* científico define uma unidade entre os enunciados que compartilham uma regularidade, seja por sua aproximação, seja por sua dispersão. Não é uma questão de vontade, de mérito ou de originalidade explicar as coisas ditas sem levar em consideração o halo psicológico, o não dito, a interpretação (reação à pobreza de enunciados) e a ideia do que é ordinário e do que é diferente. Não é uma tarefa fácil, mas a recompensa está na capacidade de poder realizar uma análise histórica sem precisar distorcer as fontes, sem necessidade de inventar um contexto puramente interpretativo e colocar a análise do discurso, do que realmente foi dito, em um rol de *hard science*.

Em nosso recorte sobre os discursos eugenistas e os higiênicos, o tema da confluência entre gene, cultura e raça disseminou-se nas terras brasileiras no começo do século XX,

¹ Por especialista compreendemos aqueles que, em seu arquivo (Foucault, 1987, p. 149), têm direito e possibilidade de dizer algo, seja por um acesso ao conhecimento por meio de normas, instituições ou privilégios linguísticos (domínio de idiomas ou do próprio fato de ser alfabetizado) e econômicos (como a possibilidade de ter cursado uma graduação, ter acesso a livros e periódicos científicos). Logo, os não especialistas são todos aqueles que, por sua prática discursiva, não têm possibilidade de ocupar o domínio desses enunciados a não ser pelo acesso ao manual.

quando o domínio discursivo da eugenia e da higiene foi construído, discursivamente, por brasileiros, principalmente, pela produção de manuais. A educação, por meio dos manuais, foi o contexto em que os discursos da eugenia e da higiene conseguiram se efetivar em termos de possibilidade de serem acessados pelo público.

Poucos estudos verificaram a qualidade discursiva desses manuais, haja vista o fato de que os estudos que analisaram a eugenia e a higiene no Brasil focam suas análises principalmente nas relações entre intelectuais, políticos, médicos, instituições privadas e públicas e a academia, contribuindo para demonstrar o contexto político de melhoramentos da vida pública e privada, com uso de fontes como: panfletos; jornais; documentos estatais e jurídicos; comunidades; eventos eugenistas e eventos higienistas. Nessas instituições e suportes materiais, o campo da educação foi o principal em quantidade de exemplares e em multiplicidade de conteúdo para diferentes públicos. Não são exclusivamente relações entre instituições que garantem e colocam em prática um domínio discursivo para a população. Para formar uma consciência e práticas para todos, uma materialidade discursiva é necessária, afinal, o discurso forma práticas cotidianas e práticas discursivas.

A carência dessas pesquisas acentua-se em relação às fontes, pois os eugenistas publicaram uma ampla gama de manuais tanto para crianças como para jovens, adultos e professores, visando disseminar conceitos, práticas e os propósitos de atuação da ciência eugênica e da higiênica. No presente trabalho, analisamos os discursos nos manuais de eugenia produzidos por Renato Kehl (1889-1974) e Octavio Domingues (1897-1972), a fim de argumentar que o ambiente escolar foi o *locus* no qual a eugenia foi organizada discursivamente, ampliando exponencialmente a prática discursiva em gênese no Brasil.

2 Relações discursivas e a perspectiva Foucaultiana

Diversas pesquisas (Diwan 2003, 2013; Reis, 2000; Rocha, 2010; Santos, 2008; Stepan, 1991), exploraram as relações entre especialistas e instituições e a diversidade da atuação eugênica e higiênica no Brasil e nos demais países da América Latina. As pesquisas desenvolvidas por esses autores privilegiaram compreender a grande extensão da intervenção eugênica nas relações entre intelectuais e instituições públicas e privadas, porém a análise do campo da educação e o material didático desenvolvido pelos agentes da eugenia foram pouco explorados. Levamos em consideração nessa lacuna a afirmação do diagrama de Jeffrey citado por Joas e Knöbl (2017, p. 25), que mostra que, na ciência, o ambiente teórico e o empírico encontram-se em um contínuo, e não há algo empírico que possa ser acessado de forma direta e livre de teoria, mas existem, no entanto, observações e análises que se aproximam desse ambiente empírico, no caso, a análise dos manuais

eugênicos, que são as fontes materiais mais numerosas relacionadas à eugenia e à higiene – e que, no Brasil, circularam, tomaram corpo e foram acessadas pela população.

Um estudo profícuo que explora a articulação entre educação e eugenia é de autoria de Dávila (2006), no qual o autor foi feliz em apresentar diversas relações entre intelectuais, escolas, órgãos públicos e a política brasileira. Sua grande contribuição em relação à educação eugênica foi explicitar as práticas eugênicas no ambiente escolar em diferentes regiões do País, principalmente, no Rio de Janeiro:

Soluções caras ou complicadas, dificilmente saíam do papel; as abordagens sobre eugenia e higiene que podiam ser executadas por professores ou pelas escolas sem muitos equipamentos ou recursos externos eram regularmente aplicadas. No Rio, durante a era Vargas, a eugenia não estava relegada a conferências profissionais e remotos laboratórios, mas era um esforço coletivo, participativo. Professores, pais e crianças eram ensinados a trabalhar juntos para realizar o ideal do futuro “Homem Brasileiro” que devia ficar diante do prédio do MÊS. No sistema escolar, os eugenistas colocaram suas ideias em prática pela primeira vez, aprendendo e executando os programas para aperfeiçoar a raça. Suas pesquisas mostravam aquilo em que queriam acreditar que alunos brancos, ricos, eram mais qualificados e isso podia ser mensurado (Dávila, 2006, p. 92).

A pesquisa de Dávila (2006) contribui muito para explorar, sob o contexto do governo Vargas, relações e táticas dos eugenistas vinculados ao ambiente escolar, ao professorado, à política, aos ministérios, às associações eugenistas, entre outras instituições; porém, não verifica por meio do nível discursivo da materialidade do livro e do manual dirigidos aos alunos e aos professores, o conteúdo desses materiais literários, já que permanece restrita a outros tipos de fontes empíricas e às relações entre especialistas e instituições. Ou seja, a valorização das relações não discursivas foi colocada em protagonismo, e, a partir de Foucault (1987, p. 52), as relações reflexivas (textuais) não refletem as relações primárias (não discursivas), já que há um nível de relação, no caso, a discursiva, que atua entre essas duas, isto é, as relações não discursivas que envolvem a eugenia e a higiene não explicam o que foi oferecido discursivamente, via manuais, para os alunos e os professores, e nem esses discursos refletem o feixe de relações entre instituições e especialistas. A educação eugênica – que se mantém no nível do dito – é a materialidade efetivamente proposta por meio dos manuais aos alunos e aos professores.

Essa carência de pesquisas sobre essa educação em nível discursivo é um problema, se levarmos em consideração que poucas intervenções jurídicas conseguiram se efetivar via planejamento eugênico, e elas não explicam os discursos eugênicos que efetivamente chegaram aos bancos escolares; ou, no mínimo, a relação com editoras da época, por intermédio da qual tais discursos puderam tomar a forma de livro. Alguns dos eugenis-

tas afirmavam que as medidas positivas, como a educação, eram mais simples e menos burocráticas de serem realizadas. A escolha pelo convencimento, pela educação e pela vulgarização, no caso brasileiro, foi visualizada por alguns especialistas da época como uma opção para promover a eugenia:

O que se não puder fazer, em Eugenia, impondo, far-se-á convencendo. *E quem vae convencer é o educador.* [...] A' educação peçamos mais esse valioso auxílio, em favor do bom exito das medidas eugenicis. Pela educação, podemos ensinar a todos os humanos a beleza das uniões eugenicis, e pregar o horror á reproducção entre os typos cuja herança biologica claudicante fôr uma ameaça fatal a descendencia (Domingues, 1929, p. 143).

Ora, esse excerto de Domingues enuncia claramente a relação entre uma prática discursiva que articula saberes com uma questão não discursiva da efetivação dessas práticas e da aplicação dos saberes em uma população. Educação é convencer e é uma alternativa ao obstáculo da imposição; a alternativa pela relação entre discursos eugênicos e educação é possível quando a imposição por outras táticas se apresenta como menos plausível.

Em relação às pesquisas sobre os manuais produzidos para a educação, temos a dissertação de mestrado de Kinoshita (2013), que explora as relações que possibilitaram a inserção do eugenista Renato Kehl no mercado e no ramo de produção de manuais escolares para o ensino primário, ao desenvolver e publicar, durante as décadas de 20 e 30, os manuais *A Fada Hygia: primeiro livro de Higiene* (1925) e *Cartilha de Higiene: alfabeto da saúde* (1936). A autora muito contribuiu ao explorar os conteúdos desenvolvidos por essas cartilhas e compreender as operações necessárias para que o especialista, no caso, Renato Ferraz Kehl, pudesse introduzir os saberes da eugenia no domínio da educação por meio de seus manuais. Também contribuiu com a análise dos manuais escolares para o público infantil; porém, não pesquisou os textos dirigidos, como manuais para os professores, a exemplo dos manuais desenvolvidos por Octavio Domingues para a formação de jovens, adultos e professores.

O domínio da educação eugênica necessita de grande atenção, pois, se avaliarmos o caso brasileiro em termos quantitativos, segundo Diwan (2013, p. 117-119), percebemos que na esfera jurídica tivemos somente duas propostas efetivadas: uma lei de controle imigratório contra a raça asiática, em vigência por dois anos; e um artigo referente à responsabilidade dos municípios, dos estados e da União de estimular a educação da eugenia e da higiene. Vemos, então, a baixa aplicabilidade, em termos quantitativos, das medidas eugênicas nas instituições e nas práticas jurídicas. Em contraposição a esse fato, o campo de produção e distribuição de discursos eugênicos é caracterizado por sua maior intensi-

dade, se considerarmos a quantidade de autores, manuais e livros; e o porte das editoras que veicularam as obras.

Por fim, para formar uma consciência eugênica em um conjunto de indivíduos, é necessário que eles se tornem sujeitos de seus saberes por meio dos enunciados que os expressam, pois não são as relações entre as instituições e o Estado que garantem uma consciência discursiva sobre uma ciência e seu discurso. Conforme Foucault (1987, p. 109), “descrever uma formulação enquanto enunciado é determinar qual é a posição que todo indivíduo pode e deve ocupar para ser seu sujeito”.

Nosso objetivo concentra-se em compreender como os enunciados do discurso eugênico e do higiênico se organizam ou não como um discurso sob uma mesma formação discursiva para diferentes públicos em cada manual, considerando a hipótese de que a faixa etária e a de escolaridade influenciam na escolha e na composição dos enunciados, pois, para se tornar sujeito dos enunciados de um discurso científico, cada público, em etapas de escolaridades distintas, em hipótese, necessita de formas e organizações específicas de enunciados, mas que podem estabelecer um mesmo discurso ao longo do avanço escolar.

Visando traçar novas reflexões a respeito das transformações do discurso dentro de uma seleção de públicos-alvo (jovens, crianças, adultos e professores), utilizaremos o método de análise da função enunciativa, a partir de dois de seus domínios – o referencial e o sujeito do enunciado – desenvolvidos por Foucault (1987, p. 100-121).

Primeiramente, o referencial do enunciado é formado por no próprio discurso, em sua essência o referencial é um conjunto de condições e parâmetros a partir das quais o sentido é estabelecido, no caso, sentido pode-ser compreendido como um fazer sentido, esse fazer se efetiva de acordo com as condições de verdade, de significação e de coerência daquilo que diz, ou seja, o enunciado diz algo de acordo com certas premissas que devem ser implícitas para que possa fazer sentido. Isso demonstra a primeira tarefa, investigar as premissas implícitas nos enunciados, permitindo descrever sistematicamente as relações referenciais que formam objetos e conceitos. Por fim, o objeto é diferenciado por conceitos, mas um conceito pode se tornar objeto a partir do momento em que é decidido explicá-lo, diferenciá-lo, significá-lo.

A segunda tarefa consiste na descrição do sujeito do enunciado. O sujeito é um espaço de apropriação do discurso a partir de certas condições. As condições para se tornar sujeito de um discurso são estabelecidas a partir de certos conteúdos constituídos *a priori*, por exemplo, a fala médica é um espaço que para ser ocupado exige um certo número de condições de formação acadêmica, de vocabulário técnico e de protocolos hospitalares, clínicos e laboratoriais, ou seja, se os enunciados estão associados à esse ambiente especializado, a capacidade de disseminação do discurso se torna mais restritiva, entretanto, caso o médico, em seu discurso pedagógico, constitua um discurso com exemplos popu-

lares ou utilize um vocabulário acessível, a quantidade de sujeitos que podem se apropriar de tais enunciados é ampliada. Os conceitos e teorias eugenistas necessitam de uma certa bagagem para serem apropriados, a não ser que nos enunciados haja uma retomada desses objetos, conceitos e temas de forma para desenvolver suas definições e regras de utilização e compreensão, tornando esse espaço discursivo apreensível para sujeitos não especialistas.

Devemos compreender se o sujeito é quem estabelece de forma inaugural o que enuncia ou, no caso de uma reativação enunciativa, se enuncia operações já efetuadas previamente, como as enuncia e como podem ser apropriadas pelo leitor. Essas reflexões sobre a fonte primária auxiliam a descrever as relações de saber previamente necessárias para se apropriar ou não de um discurso especializado e identificar as estratégias adotadas para a universalização desse saber para outros sujeitos, no caso, o público alvo (Foucault, 1987, p. 109).

É por meio desses dois procedimentos que iremos analisar os enunciados e compreender os objetos e as condições para se tornar sujeito do discurso da eugenia e da higiene. Isso significa que o discurso não é simplesmente um conjunto de palavras e frases encadeadas logicamente capaz de produzir sentido na mente de seus leitores. O discurso é um local de seleção, avaliação e distribuição de enunciados capazes de divulgar os objetos, conceitos e temas caros à eugenia. O transporte discursivo desses elementos considerados fundamentais para a educação, instrução e regeneração das crianças, jovens e adultos, enfim, do tecido social e moral da sociedade brasileira, não é feito de qualquer modo, há uma escolha e uma estratégia de construção de um discurso direcionado para leigos em tais temas e é por meio desses dois procedimentos que essa construção pode ser revelada em seus alicerces.

3 A inserção dos eugenistas na prática do discurso educacional

A temática da educação eugenista foi um tema central na atividade dos eugenistas brasileiros, um dado interessante sobre essa temática central foi o fato de que, apesar de ser formada por intelectuais de diversas áreas, a Sociedade Eugênica de São Paulo (SESP), fundada em 1918, não produziu nenhuma pesquisa. Ela se manteve focada na divulgação da ideia de eugenia e introdução de uma nova linguagem discursiva, por meio de propagandas em jornais, rádios, conferências e impressos. O discurso educativo e propagandista dessa instituição, da qual Kehl era membro fundador, anexava antigos objetos do campo da saúde e da moral, como o alcoolismo, tuberculose, doenças venéreas, fertilidade, natalidade e vadiagem, por exemplo, ao campo da eugenia, identificando-os com temas correlatos ao processo de purificação da raça (Stepan, 1991).

Os temas médicos, psiquiátricos e sanitários já eram comuns no cotidiano paulista, principalmente nos jornais da época. Esses temas eram lidos e consumidos pela elite dos mais variados setores, não somente temas e conceitos exclusivos do vocabulário médico circulavam nos jornais, mas também temas comuns aos cidadãos não médicos, havia uma convergência, portanto, entre o que era comum ao vocabulário e cotidiano do cidadão e adaptação didática dos enunciados técnicos, esta, exercida pelo especialista para fazer consoar os enunciados e conceitos médicos no discurso popular da imprensa. Os jornais elogiavam e promoviam a consolidação do campo de saber eugênico em suas páginas (Diwan, 2013). Isso demonstra que a educação eugênica já estava de certo modo consolidada, a SESP e seus membros em conluio com a imprensa educavam cotidianamente as elites paulistas e a população alfabetizada.

Em 1919 a Sociedade Eugênica de São Paulo encerra suas atividades, Kehl parte para o Rio de Janeiro. Na capital federal encontrou no campo da higiene mental uma nova forma de eugenia, associada à psiquiatria, focada em versar e reformar concepções sobre moral, costumes, criminalidade, dependência química e patologias mentais. Em 1922, o psiquiatra Gustavo Riedel fundou na capital a Liga de Higiene Mental, Kehl envolveu-se ativamente com a Liga em 1925, tanto a liga como a higiene mental em si desenvolviam seus projetos e discursos em torno da ideia de profilaxia dos costumes e hábitos sociais maléficos, como forma de prevenir o adoecimento e a degeneração mental (Stepan, 1991).

Apesar desse amplo horizonte, Kehl e Domingues tinham total distinção sobre o que era exclusivamente eugênico e exclusivamente higienista. Eles possuíam clareza sobre os limites da transformação do indivíduo em vida e os limites da hereditariedade, havia fronteiras bem claras entre o que de fato alterava o material genético e o que apenas valorizava as pré-disposições inatas, conforme Diwan (2013, p.126):

[...] Higiene e Eugenia eram disciplinas distintas, ambas ramificações da Medicina. De acordo com a definição oficial da palavra *eugenia* expressa por Kehl no livro Educação eugênica, 'há quem confunda eugenia com educação física, com plástica, com educação sexual, com controle de natalidade ou a considere um simples ramo da higiene'. Muitas vezes, os adeptos do eugenismo não faziam essa separação clara, e a posterior radicalização da eugenia brasileira denota do fato de a eugenia ser pensada por alguns somente sob seu aspecto positivo, ou seja, profilático.

Apesar dessa clareza em distinguir entre o que é hereditário e o que é apenas profilático, no caso brasileiro, a eugenia acabou se conectando mais com práticas profiláticas educativas do que com medidas de eugenia negativa, como a castração compulsória, eutanásia, proibição de matrimônio e a restrição duradoura de imigrantes considerados degenerados, por exemplo. Houveram em alguns momentos uma ou outra conquista jurídica, contudo, a

quantidade de obras literárias, manuais, impressos, panfletos e conferências foram constantes e expressivas, ou seja, a educação por meio de discursos foi a face central da eugenia brasileira. Mas além da forma, o conteúdo também variou muito, a temática exclusivamente hereditária, mesmo que na percepção de Kehl e Domingues as fronteiras do plano genético fossem bem traçadas, não condizem com muitas de suas obras, principalmente quando produziam manuais infantis, para jovens e para o professorado. Acabam versando sobre temas e objetos variados, utilizando-se de lógicas argumentativas que não citam a sombra do tema da hereditariedade e muito menos podem estar ligadas ao material genético e sua otimização.

Essa conexão com a psiquiatria sela o casamento entre eugenia e higiene, principalmente com a higiene mental, essa união, por meio da justificativa da prevenção profilática dos costumes, hábitos e comportamentos dos indivíduos permite o alargamento da intervenção eugenista; um campo indefinido de objetos de discurso, aparecem como disponíveis ao saber discursivo da eugenia. É por este conjunto, justamente indefinido, que, poderemos investigar nos manuais de Kehl e Domingues um discurso eugênico que lida com uma rica variabilidade de objetos e temas, além de que, provavelmente, as estratégias de convencimento possam variar, diminuindo a necessidade de estar associada diretamente ao tema acadêmico da transmissão hereditária, possibilitando outras justificativas e explicações para versar e convencer sobre temas mais palatáveis ao público leigo.

A inserção de Renato Kehl no campo da educação iniciou-se em 1920, quando ele assumiu o posto de inspetor sanitário no Departamento de Saneamento e Profilaxia Rural. Trabalha também no Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) e, por fim, alcança um cargo no Serviço de Propaganda e Educação Sanitária (SPES), o qual ocupa até 1927 (Kinoshita, 2013, p. 27).

Nesses postos, desenvolveu funções significativas, pois “era responsável pelo serviço de educação higiênica e propaganda antivenérea, bem como em atividades em prol do saneamento e profilaxia rural” (Souza, 2006, p. 105 *apud* Kinoshita, 2013, p. 28). A inserção de Kehl na área da propaganda e da educação sanitária capacitou-o em novos modos de produção do discurso da higiene e da eugenia. A propaganda e a educação higiênica foram institucionalizadas em órgãos públicos, e criou-se um lugar para a prática médica, um novo lugar para a construção de discursos médicos. Não se tratava de uma clínica ou laboratório, mas de um lugar específico para a construção de discursos profiláticos. O discurso neste serviço público constitui como uma nova forma de saber médico, pois seu discurso deve alcançar novos públicos, possivelmente sem nenhuma bagagem de conhecimento dos enunciados médicos, sanitários e higienistas. Kehl estava lidando com um público de analfabetos, semi-analfabetos, chefes de família, indivíduos letrados em outras áreas, trabalhadores urbanos e rurais e, acima de tudo, um público orientado pela moral e conhecimentos católicos. Esta diferença de formação e de contexto exige do sujeito médico uma

mudança na utilização dos recursos discursivos. Não se pode utilizar os mesmos recursos ortográficos, conceituais e lógicos que a escrita acadêmica. Com certeza esta passagem pelo serviço de educação sanitária formou um novo saber médico, um saber de comunicação e de reconhecimento da necessidade de novas formas estratégicas para conectar os enunciados higienistas e eugenistas à população leiga. Conforme afirmou Foucault (1987, p. 58), “é preciso descrever também os *lugares* institucionais de onde o médico obtém seu discurso, e onde este encontra sua origem legítima e seu ponto de aplicação”.

A produção discursiva de Renato Kehl foi extensa e duradoura, a Livraria Francisco Alves publicou a maioria das obras de Renato Kehl (Kinoshita, 2013, p. 62) e, segundo Santos (2008, p. 14), foram constituídos mais de 30 livros e inúmeros artigos em jornais. Devido ao grande número de publicações produzidas por Renato Kehl, focaremos em 2 manuais específicos para nossa análise da formação dos objetos da eugenia na educação. Assim, iremos analisar os títulos *Cartilha de higiene: alfabeto da saúde* (1936) e *A cura da fealdade* (1923), de modo a verificar os objetos do discurso, primeiramente, em uma cartilha voltada para a primeira infância e, em um segundo momento, em um livro de divulgação científica destinado aos jovens e aos adultos.

Renato Kehl firmou vários contratos com a Livraria Francisco Alves para a publicação de seus manuais. Kehl (1936) desenvolveu o primeiro manual brasileiro de higiene, para crianças em fase de alfabetização, a *Cartilha de Higiene: alfabeto da Saúde*. Antes da produção de manuais voltados para o público infantil e sua relação com a Livraria Francisco Alves, Kehl (1923) publicou pela Monteiro Lobato Editores o livro *A Cura da Fealdade*. Esse manual é importante devido ao fato de sua produção ter sido realizada antes da vinculação do autor à área da educação e também ter sido destinado ao público leigo, atingindo uma preocupação social da época, a busca pela beleza do rosto e do corpo. A associação entre beleza e eugenia é uma estratégia eficiente, pois mais uma vez o eugenista busca um tema socialmente vivo e atual para realizar a conexão com os saberes eugenistas, estabelecendo um meio de comungar o ambiente sócio-cultural com o intelectual.

A opção pela análise desses dois manuais foi realizada pela distância entre as características de produção de ambos: cada manual foi elaborado em diferentes editoras; a distância temporal de elaboração dos dois discursos é de mais de uma década; e os públicos-alvo para quem os manuais foram elaborados são completamente distintos. As distâncias entre esses fatores propiciam a possibilidade de verificarmos a unicidade ou não do discurso eugênico em suportes materiais distintos em relação a seu conteúdo e a seu público, definindo instituições completamente diferentes. A única similaridade entre as obras está fundamentada no fato de terem a mesma autoria; porém a ideia de uma mesma autoria cria a ilusão de uma unidade entre livros distantes de um mesmo autor e a diferença

espontânea entre diversas autorias. Devemos verificar, recorrendo a Foucault (1987, p. 25-27), quais semelhanças e diferenças podem ser estabelecidas entre esses dois manuais:

Individualização material do livro que ocupa um espaço determinado, que tem um valor econômico e que marca por si mesmo, por um certo número de signos, os limites de seu começo e de seu fim; estabelecimento de uma obra que se reconhece e que se delimita, atribuindo um certo número de textos a um autor. E, no entanto, assim que são observadas um pouco mais de perto, começam as dificuldades. [...] A obra não pode ser considerada como unidade imediata, nem como unidade certa, nem como unidade homogênea.

Octavio Domingues foi professor da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, publicou artigos no *Boletim de Eugenia* e algumas de suas obras pelas editoras Companhia Melhoramentos de São Paulo, Civilização Brasileira² e Companhia Editora Nacional. Dentre suas obras, iremos analisar *A hereditariedade em face da educação* (1929); *Eugenia: seus propósitos, suas bases, seus meios* (1933); e *Hereditariedade e Eugenia* (1936). Essas três obras merecem especial atenção, pois a escolha por Octavio Domingues tem a ver, principalmente, com sua importante participação como autor de volumes das coleções *Bibliotheca de Educação*³, *Bibliotheca de Divulgação Científica*⁴ e *Bibliotheca Pedagógica Brasileira*⁵.

Esses livros foram destinados à educação de professores e também para a formação de jovens, os quais trazem uma linguagem assentada nos vocabulários médico e científico; contudo contam com a explicação de conceitos e saberes para familiarizar o público com as leis e saberes eugenistas.

As três coleções, das quais Domingues inseriu suas obras, foram publicadas por três grandes editoras e dirigidas, respectivamente, por Lourenço Filho, Arthur Ramos e Fernando de Azevedo, nomes consagrados na história da educação brasileira. Essa relação também demonstra a rede de intelectuais e do mercado editorial envolvidos na publicação de temas eugenistas, demonstrando que o discurso eugenista era bem acolhido e recomendado. Mas, além desses dados sobre as coleções, devemos nos atentar para o modo como o projeto dessas bibliotecas foi fundamental em seu período:

² Conforme os dados apresentados por Galúcio (2009, p. 46), a Editora Civilização Brasileira, na qual Octavio Domingues publicou sua obra *Hereditariedade e Eugenia* (1936), não está entre as três principais editoras, mas sim, na 21ª posição entre as editoras que mais publicaram títulos.

³ *Bibliotheca de Educação* dirigida por Lourenço Filho, publicada pela Editora Companhia Melhoramentos de São Paulo.

⁴ *Bibliotheca de Divulgação Científica*, dirigida por Arthur Ramos, publicada pela Editora Civilização Brasileira.

⁵ *Bibliotheca Pedagógica Brasileira*, dirigida por Fernando de Azevedo, publicada pela Editora Companhia Editora Nacional.

No Brasil dos anos 1920 e 1930, o livro é peça fundamental de um programa de transformação da cultura nacional em que se engaja toda uma geração de políticos e intelectuais. Nesse programa, a reforma da escola tem lugar central e editar livros voltados para a formação docente como *Bibliotecas para Professores* é uma de suas principais estratégias. Essas *Bibliotecas* organizam-se como espécie de repertório de valores e de conhecimentos destinados a balizar a prática docente. Trata-se de constituir uma nova cultura pedagógica apta a promover uma mudança de mentalidade do professorado, peça chave do programa de reforma da sociedade pela reforma da escola que estava em curso (Carvalho; Toledo, 2006, p. 48).

Alguns dos manuais de Kehl e Domingues também foram publicados nas três maiores editoras do Brasil – conforme Galúcio (2009, p. 46), no quesito de quantidade de volumes e títulos publicados, respectivamente, a Companhia Editora Nacional, a Companhia Melhoramentos de São Paulo e a Editora e Livraria Francisco Alves.

Esses dados demonstram o interesse do lucro dessas editoras associado a atualidade e força do discurso eugenista, o contexto da cultura nacional em prol da atualização e modernização da escola e de seus docentes com temas advindos, principalmente, da cultura acadêmica europeia, abriram espaço de circulação para Kehl e Domingues. É necessário conceber nesse processo de atualização cultural e escolar a insuficiência do professor, sujeito com uma ilustração limitada. Ele educa de acordo com o que sabe em sua formação no magistério e, portanto, toda e qualquer novidade acadêmica, novos objetos e temas considerados caros à modernização da educação e aperfeiçoamento do povo brasileiro deve advir por meio dos livros e manuais. É nessa intermediação entre professor-aluno que o livro e o manual aparecem como a ferramenta de atualização educacional. Kehl e Domingues se inserem nesse processo intermediador com suas obras, a demanda editorial, as compras de livros realizadas pelas instituições de ensino, criam um mercado forte para financiar e promover os discursos eugenistas e higienistas no campo da educação.

Conseguimos, dessa forma, demonstrar a importante relação entre os autores e as grandes editoras brasileiras do período, porém a qualidade desses discursos deve ser apreciada para podermos avaliar o conteúdo de cada manual. Nesse ponto, atentamo-nos ao público a que cada manual foi destinado, fator que nos permitirá perceber como o recorte de um público orienta o conteúdo discursivo e sua forma de apresentação.

4 Os manuais de Renato Kehl e Octavio Domingues

O primeiro manual a ser examinado é a *Cartilha de Higiene: alfabeto da Saúde*, uma cartilha destinada ao público infantil em fase de alfabetização, com seu uso mediado pelo professor alfabetizador. Esta cartilha, diferente dos outros manuais a serem examinados, é o único manual utilizado em fase de alfabetização, isso não significa que seja menos elaborada ou mais simples, ao contrário, é possível considerá-la como uma ferramenta de alta

complexidade educacional, pois ela conjuga os contatos iniciais com as letras, frases e sílabas diretamente aos objetos e conceitos eugenistas e higienistas, criando uma amálgama entre o aprendizado do alfabeto da escrita e leitura juntamente com referenciais e significações capazes de reformar seus valores, ampliar seus saberes e formar comportamentos de acordo com a lógica da eugenia e higiene.

Iniciamos, então, nossa análise dos objetos do discurso com Kehl (1936, Prefácio), em *Cartilha de Higiene*:

Eis, enfim, a prometida “Cartilha de Higiene”, que por vezes me foi solicitada, como introdução ao 1.º Livro de Higiene (*Fada Hígia*), atualmente refundida e em via de 5.ª edição. Ofereço-a ao professorado primário como guia para o ensino sugestivo e persuasivo de noções elementares condizentes com a preservação da saúde. A formação de *bons hábitos*, como é do consenso pedagógico, deve ser iniciada desde a primeira infância, e para alcançar resultados opimos, é mister que a educação tenha em vista a tendência natural de as crianças se interessarem pelo que lhes agrada e de melhor aceitarem o que compreendem. As páginas do livro apresentam, por isto, muitas figuras, entremeadas de preceitos claros, curtos e incisivos, a fim de que os senhores mestres delas se sirvam como motivos para as suas palestras educativas.

O prefácio chama a atenção para um detalhe significativo na produção desse manual: a escolha de um público-alvo de seu conteúdo e de um sujeito que o opera – respectivamente, as crianças e o professor. Cada público possui condições específicas de apropriação do conteúdo discursivo, e essa questão da apropriação dos enunciados é colocada em relação ao segundo domínio da função enunciativa de Foucault: o sujeito do enunciado.

Além da designação do público leitor (sujeito do enunciado), o prefácio apresenta seus dois objetos: a formação dos bons hábitos e a preservação da saúde infantil. Começa-se, ali, a delinear uma fronteira da higiene: formar e preservar são intentos possíveis segundo o enunciado, quando se referem a algo passível de ser produzido (formar) e preservado (algo inato ou adquirido posteriormente) em um plano de exterioridade da genética hereditária.

O discurso é formatado em pequenos textos e ilustrações, de acordo com a apresentação no prefácio da cartilha. São textos curtos, claros e incisivos. Para a apropriação do discurso, toma-se, como referencial para sua sustentação, a possibilidade de que essa concepção seja natural (interna) e que o processo de apropriação daquilo que interesse seja passível de compreensão por parte da criança; logo, o interesse e o aprendizado são fatores internos ao texto.

A cartilha foi elaborada em duas partes: a primeira apresenta uma narrativa sobre três irmãos: Xisto, Zenaide e Yolanda (Kehl, 1936, p. 5-13). Essa narrativa envolve as três crianças e é preenchida com diversas práticas higiênicas no que diz respeito ao seu coti-

diano, ao ambiente escolar, ao meio familiar e social. A narrativa utiliza-se de um dualismo de causas e efeitos em cada comentário sobre diversas situações do cotidiano, as quais fazem parte da realidade das crianças, no intuito de educá-las sobre práticas saudáveis ou insalubres, como é possível identificar no excerto a seguir:

Yolanda, Zenaide e Xisto são três irmãos bem educados. Levantam-se cedo todos os dias. A primeira coisa que fazem é tomar um banho frio. Eles sabem que o asseio do corpo é indispensável á saúde e que só os gatos têm medo de água fria. Depois do banho vão ao quintal para respirar ar fresco. Aspiram e expiram lenta e profundamente pelo nariz, levantando e baixando os braços. Fazem isto 8 a 10 vezes seguidas, todas as manhãs, porque este exercício é muito bom para a saúde (Kehl, 1936, p. 5).

Percebemos, nesse trecho, que é possível encontrar enunciados formados em referência ao plano das personagens em situação cotidiana em uma relação de causa e efeito. Ao longo da narrativa, os enunciados são, em muitos momentos, procedidos por consequências, as quais são divididas em dois grandes grupos: positivas e negativas. Quando a ação proposta é cumprida, procede-se uma consequência positiva. Quando o contrário se desenvolve, uma consequência negativa ocorre. As consequências não são somente objetos da eugenia e da higiene, e sim por elas supostas, a partir desse momento. Nessa suposição se estabelece uma nova relação, um discurso que condiciona a interação entre o plano do cotidiano infantil e o plano de comportamento – como algo precedido de causas e procedido de consequências – e a integração desses planos a um vocabulário eugênico e higiênico. Em alguns momentos, elas indicam consequências morais e subjetivas das relações humanas, conforme o exemplo a seguir: “Xisto, Zenaide e Yolanda aprenderam desde pequeninos que nada disto se deve fazer. São por isto apreciados e queridos de todos” (Kehl, 1936, p. 7). Ser apreciado ou querido de alguém não tem, necessariamente, alguma relação com as preocupações da eugenia ou da higiene, pois a subjetividade do afeto pelos membros do núcleo social da criança, sua estima perante um coletivo, é postulada como consequência do cumprimento de enunciados oriundos do plano higiênico.

A segunda parte da cartilha foi construída sob a ordem do alfabeto, contando com 26 letras. Em cada uma das letras, derivavam-se palavras que tivessem sua letra inicial, conforme o exemplo da letra T:

TRABALHO

O trabalho das crianças é o estudo; é cumprir o dever de asseio e de disciplina. Trabalhe com alegria. O trabalho é uma necessidade e a melhor das distrações. Procure ajudar sua Mamãe nos trabalhos de casa. Quem estuda com prazer é porque tem

saúde. A preguiça é muitas vezes sinal de doença ou de fraqueza. O trabalhador desanimado deve ser levado ao médico para ser tratado (Kehl, 1936, p. 44).

As letras do alfabeto relacionam-se com três outros tipos de enunciados: uma imagem, um título e um texto. Essas relações entre formas distintas de enunciados formam objetos (nomeados pelo título) estabelecidos em uma dinâmica de consequências e adjetivos (diferenciação) positivos e negativos em relação à saúde física, mental e moral. A título de comparação com a palavra e o texto que se referem à expressão, vejamos o tema dos exercícios, como um segundo exemplo: “EXERCÍCIO Faça exercício para robustecer-se e embelezar o corpo. O Exercício físico metódico aumenta a disposição para o estudo. Corra, brinque, pule! Não tenha Preguiça! Fortaleça os músculos para ser gente!” (Kehl, 1936, p. 23).

As práticas higiênicas são formadas pela imperatividade que redefine os objetos do discurso; o texto não apresenta flexibilidade para um livre arbítrio da criança. A prática e as afirmações sobre ela levam em conta uma consequência positiva, enquanto o não cumprimento da proposta pressupõe uma consequência negativa, que é justamente a oposição equivalente da consequência positiva. Isso significa que objetos que não eram do discurso eugênico ou do higiênico são por eles apropriados e reelaborados nessa nova dinâmica.

O imperativo nas afirmações restringe a flexibilidade de interpretação, a linguagem do manual permanece sempre na imperatividade de uma ordem, oferta-se um comando, uma regra, uma consequência ao fazer o certo ou a opção de sofrer com o errado. É por meio dessa imperatividade que os saberes científicos são expostos e se associam a enunciados que até então não eram de propriedade desses discursos.

Constata-se o relacionamento entre as práticas e os saberes higiênicos e um jogo de consequências positivas ou negativas. Essas consequências não foram delimitadas somente no âmbito da saúde; elas envolviam valores sociais – por exemplo, o afeto e a autoestima, termos que não se relacionam diretamente com os saberes da medicina.

A terceira conclusão que podemos estabelecer na formação dos objetos da cartilha encontra-se na nova posição ocupada pelo especialista, com suas táticas de seleção e adequação dos saberes e práticas da ciência higiênica para um público específico. Isso demonstra o perfil de um especialista que estabelece novos objetos, com uma nova organização, em uma dinâmica de comunicação determinada, e delinea um novo método de apresentar os saberes e práticas ao público não versado em eugenia e em higiene. Essa seleção e adequação dos discursos demonstra que não se pode falar qualquer coisa em qualquer lugar, há um discurso próprio para estabelecer uma prática discursiva para a sociedade escolar.

A quarta conclusão compreende o caráter profilático do ensino direcionado às crianças, disperso nos manuais orientados a outros públicos e instituições (universidade, ginásio, livrarias e formação continuada de docentes). As teorias sobre o melhoramento gené-

tico e as práticas eugênicas não são contempladas nessa cartilha, não são apresentadas para as crianças. O manual contemplou somente práticas e saberes relacionados a uma posição possível de ser ocupada, apropriada para esse público.

Dada a importância de sublinhar essas conclusões em uma maior escala de comparação, vamos emparelhar os objetos de *Cartilha de Higiene* com o outro manual, *A cura da fealdade*. A partir dessa comparação, podemos assinalar dispersões e continuidades, para compreender o que fundamenta um discurso comum ou não para esses distintos manuais.

A cura da fealdade foi dividida em três partes principais, cada uma composta por subcapítulos: “O Homem e a Mulher Normaes”, “A Fealdade se Evita” e “A Cura da Fealdade”. Kehl (1923) preocupou-se em estabelecer, entre os padrões da beleza social e o conceito de beleza eugênica, uma relação na qual todas as características que não estiverem nos enquadramentos da beleza eugênica correspondem à feiura, concebendo, assim, novos objetos: a beleza e a feiura eugênicas. O tema do balanceamento entre a beleza física e a beleza eugênica, presente na primeira parte, foi alicerçado em um plano de realidade em que é possível mensurar e classificar a beleza somática (corporal) e a mental apresentadas ao longo do texto. O discurso criou uma espécie de lugar em comum, em que a beleza social do corpo e a beleza eugênica pudessem espelhar, em suas definições e mensurações, a beleza humana, como um objeto de beleza que conciliasse dois objetos oriundos de planos diferentes, conforme podemos compreender no excerto a seguir:

A Eugénia não exige, para admittir no ról dos typos bellos, que os individuos apresentem a formosura excelsa d'um Apollo ou d'uma Vênus. A Eugénia considera beleza a NORMALIDADE; normalidade esta somática, psychica e moral. Dentro deste objectivo, admittem os eugenistas, como bello todo individuo dotado de saúde, vigor e robustez e que apresente uma compleição physica e psychica normaes. Fealdade, por sua vez, corresponde à anormalidade, à desproporção, à desharmonia. Não pode ser considerado bello um individuo tarado e doente. A Eugénia não admittie a dissociação das qualidades somáticas e outras. Um imbecil plasticamente perfeito não é considerado bello, sob o ponto de vista eugenico (Kehl, 1923, p. 26-27).

O autor apresentou diversas métricas antropológicas, fotografias e modelos do corpo humano que definissem os padrões de normalidade e beleza eugênica do corpo, da mente e da moral. A segunda parte apresenta métodos para a prevenção da disgenia, da anormalidade. E a terceira e última parte apresenta alguns métodos para o tratamento e cura de alguns tipos de anormalidades. O que nos chama francamente a atenção é que, nesse manual, a definição de eugenia situa-se em uma escala bem ampliada e não somente compreende o processo de profilaxia da degeneração genética por meio da hereditariedade – a eugenia também visa compreender e formar a profilaxia, tem o intuito de formular os padrões de normalidade e o processo de tratamento e cura da anormalidade. O objeto

da beleza não está somente no corpo, ele também compreende a mente dentro das esferas da intelectualidade e da moral, sem ser algo estático, somente inato, que abrange tanto o plano interno (hereditariedade) como o plano externo (profilaxia e cura). Kehl (1923, p. 348) afirma:

A perfeição eugénica, tenho dito várias vezes, não consiste apenas na normalidade do corpo, na harmonia das formas, no equilíbrio das funções. Requer, para ser completa, a concomitância da normalidade moral e intelectual. Por normalidade moral entendo o perfeito equilíbrio dos sentimentos – dos sentimentos que se organizam para a prática do bem - com a compreensão exacta dos que representam os deveres individuais, da família, e da pátria. Por normalidade intelectual compreendo o discernimento fácil e nitido dos factos e cousas, a perfeita regularidade das diversas faculdades psychicas que se denominam memória, razão, imaginação, etc.

Se entrecruzarmos essa concepção de eugénia, podemos compreender que a *Cartilha de Higiene* está em paralelo com as propostas eugénicas, e a higiene tem sua especificidade em não alterar a condição genética e hereditária dos indivíduos, porém, suas práticas profiláticas, na busca por evitar anormalidades intelectuais e morais, estão fundidas com as propostas e concepções de eugénia sobre normalidade e perfeição. Logo, a ideia de que a *Cartilha de Higiene* pertence somente ao campo da higiene, como uma ciência independente, é aqui abandonada, na medida em que vemos que os métodos profiláticos da higiene do meio e do indivíduo são integrados por Kehl como um ramo da eugénia; logo, a profilaxia higiênica é considerada como uma ferramenta eugénica.

A segunda relação entre a *Cartilha de Higiene* e *A cura da fealdade* está na coerência dos métodos utilizados pelo especialista em eugénia e higiene para ensinar eugénia e higiene para as crianças. Kehl (1923), em *A cura da fealdade*, demonstrou algumas de suas concepções sobre educação, eugénia, higiene, moral e intelectualidade, que coincidem com as regularidades do discurso que encontramos em *Cartilha de Higiene* (Kehl, 1923, p. 351-352):

Si no primeiro anno de idade não comprehendem conselhos ou reprimendas, sentem, no entanto, o que lhes é prohibido fazer. [...] Cumpre não deixar de *punil-a* todas as vezes que faz conscientemente o que sabe ser prohibido. [...] O modo de punir vale mais do que a própria punição, e o que se deve evitar, sobretudo, é ralhando com a criança rir-se de sua má acção. As crianças precisam ser conduzidas pela razão, quando já têm comprehensão das cousas; devem ter confiança nos paes; temer as reprehensões e castigos. [...] A formação do character na criança deve iniciar-se, pois, precocemente, e continuada porfiadamente, para evitar a implantação de más tendencias, só eliminadas com trabalho pertinaz. Deve-se sempre ter patente que as impressões recebidas na infancia teem uma influencia indelevel em toda

vida dos indivíduos. Nessa idade, é que se criam, de uma maneira inconsciente, as inclinações, hábitos e os caprichos.

A formação dos hábitos, da moral e da intelectualidade por meio da proibição, da incisão rígida de normas, da punição; a confiança em uma autoridade, seja a da família, seja a do professor; e as definições polarizadas entre o que é bom e o que é mal fundamentam a unidade discursiva entre esses manuais.

No campo dos manuais eugênicos, Octavio Domingues produziu vários livros e artigos. Três de seus manuais estavam presentes nas bibliotecas pedagógicas elaboradas por grandes editoras brasileiras. Domingues não produziu manuais para as crianças, produziu manuais destinados para a formação de jovens, adultos e, principalmente, para os professores.

A hereditariedade em face da educação, de Domingues (1929), estava inserida em uma coleção da Editora Companhia Melhoramentos de São Paulo, pertencente à Bibliotheca de Educação, organizada por Lourenço Filho. A coletânea propõe uma divulgação dos conhecimentos científicos, compreendendo aqueles que considera os mais modernos e competentes para orientar e fundamentar a educação nas escolas:

A 'Bibliotheca de Educação' pretende ser mais que uma simples collecção de monografias uteis aos paes e mestres: tem um plano organizado, que pouco e pouco se vae desenvolvendo, com perfeita unidade. Encerra, de um lado, a exposição das bases sobre que a reflexão pedagogica pode apoiar-se, com proveito, e, de outro, as applicações, ensaios de didactica, explicação e critica de systemas. [...]. Ora, dentre as bases biologicas, não se podia deixar de incluir um estudo acerca dos problemas da hereditariedade, de que trata, precisamente, o presente livro. O conhecimento do que já de positivo nos pode ensinar a Genetica parece-nos, de facto, do maior alcance á reflexão pedagogica. Define, antes de tudo, as possibilidades da acção educativa, fixando-lhe limites que não são mais os da fantasia de autores, tomados de vão septicismo e negativistas, por isso, ou dogmaticos e optimistas à outrance (Lourenço Filho, 1929, Prefácio *apud* Domingues, 1929, p. 5).

Os limites da transformação humana por meio da educação constituem um dos principais objetos que Octavio Domingues se preocupou em definir e orientar. Em *A hereditariedade em face da educação*, Domingues (1929) dividiu seu manual em duas partes. A primeira trata de apresentar os saberes e as teorias que fundamentam a eugenia – por exemplo, os enunciados referentes à hereditariedade, com a citação de autores e o uso da linguagem específica do campo científico e explicações no próprio texto, algo essencial, pois revela uma possibilidade de que o leitor leigo compreenda esses enunciados com sua devida explicação na leitura e exclui a obrigatoriedade de um *a priori* de conhecimentos, de

modo a facilitar o acesso a esse conhecimento, ao explicá-lo no exato momento em que é mencionado, caracterizando uma posição possível de ser apropriada naquela leitura.

A segunda parte do livro destina-se aos objetos que são formados a partir da conexão entre eugenia e educação. É nessa segunda parte que uma diferenciação para a educação eugênica aparece para descrever a educação como um campo subordinado à eugenia: o conceito de Eutechnia (Domingues, 1929, p. 128-130). Domingues criou o conceito de Eutechnia como uma forma de separar as medidas que tinham caráter higiênico e profilático das medidas que atuavam diretamente na hereditariedade e genética humana. Assim, a educação foi enquadrada como uma das ferramentas da Eutechnia, um conjunto de medidas que se aplica ao ambiente social. O autor sustenta essa nova ordem de subordinação ao criticar a pedagogia lamarckista – a qual considerava a educação como o principal meio de transformação social –, pois reputava a ideia de que o material genético e hereditário não fosse alterado por fatores externos, por exemplo, a educação: “A Eutechnia constitue o conjunto de medidas que tem por fim criar um ambiente saneado, hygienico onde o individuo possa ser gerado, possa nascer e se desenvolver e ser educado com aproveitamento maximo das suas qualidades innatas” (Domingues, 1929, p. 129).

Octavio Domingues traz em seus três principais livros a preocupação em delimitar as fronteiras entre eugenia e Eutechnia. Vemos que o contínuo processo de definição do conceito de eugenia acarretou a definição de um novo conceito, uma nova disciplina, que assume para si as medidas de caráter profilático, medidas essas que atuam a partir da capacidade de potencializar as qualidades inatas, porém sem eliminar ou criar algum carácter genético no indivíduo. A Eutechnia é oposta à eugenia no que diz respeito aos fundamentos de aplicação, e sua formulação conceitual sugere a exclusão da ideia de transformação hereditária por meio da educação. Não se eugeniza nem se transforma hereditariedade humana por meio da educação, esta é compreendida como uma medida eutechnica, de caráter profilático e catalisador dos caracteres inatos. Essa desvinculação entre educação e eugenia, que as estabelece como áreas distintas e somente relacionáveis pela Eutechnia, promoveu uma redefinição da função, da expectativa e dos métodos da educação nos livros de Octavio Domingues.

A ideia de Eutechnia continua em outros manuais de Domingues (1933), como em *Eugenia: seus propositos, suas bases, seus meios*. Nesse manual, foram elaboradas algumas perspectivas sobre educação, bem como definidos os conceitos de educação como um meio de desenvolvimento social não hereditário e da educação eugênica como um meio de legitimar e vulgarizar os saberes e práticas eugênicas:

As medidas chamadas positivas teem por fim promover as uniões dos melhores elementos raciais, isto é, do matrimonio dos bem-dotados, de modo que sejam estes os povoadores do país. [...] há que se pedir o auxílio do educador, no esclarecer as

vantagens dessas uniões, uteis não somente do ponto de vista social, mas ainda para os próprios indivíduos (Domingues, 1933, p. 125-126).

Além disso, Domingues (1933, p. 136) apresentou diversos profissionais e instituições que estão envolvidos no processo de educação e propaganda eugênica, uma área que não está restrita somente ao ambiente escolar e ao professor:

Mais vale persuadir, trazendo para essa campanha o concurso da imprensa, do clero esclarecido, dos professores idôneos, dos letrados responsáveis, em geral. [...] O Dr. Francisco Haro Garcia diz bem uma verdade, quando explica que uma campanha eugênica tem de obedecer à articulação de três atividades: *científica* ou das investigações genéticas ou eugênicas; *educativa* ou do ensinamento e vulgarização, e *sanitária* ou do consultório eugênico.

Observamos, então, que há dois tipos de concepções na relação entre eugenia e educação nos discursos: de um lado, uma educação como local em que se vulgariza e conscientiza sobre os fundamentos e a relevância da eugenia como ciência; de outro, uma educação científica que continuamente debate e pesquisa os métodos e objetos da ciência eugênica e, por fim, da educação profilática, como catalisadora dos caracteres inatos ao indivíduo. Como medida eutechnica, a educação está no mesmo patamar de outras medidas que compõem, conjuntamente, a Eutechnia:

Os cuidados de ordem eutechnica, tais como a higiene pre-natal a puericultura, a higiene do ambiente e da nutrição, a educação física, intelectual e moral, são todos fatores mais do que necessários, indispensáveis, para a formação dos bons cidadãos, à custa da boa semente humana. Os melhoramentos conseguidos, entretanto, por esse meio, e que ultrapassam as tendências da própria herança genética, serão inaproveitados pela descendência, daí a necessidade de zelar ainda mais pela origem das boas estirpes. Nunca é demais insistir nesse ponto, aonde reina o velho preconceito lamarckiano (Domingues, 1933, p. 141).

Vemos que a Eutechnia possui seus próprios meios, como a educação física, moral e intelectual, entre outros. Todos eles estão submetidos, como medidas complementares, aos métodos da eugenia. As medidas eutechnicas foram postuladas como complementares, pois são consideradas como incapazes de transformar as raças e as proles, em um sentido genético – são capazes, apenas, de promover a potencialização dos caracteres genéticos e a melhoria do meio externo.

Iremos, agora, para a análise do último livro de Domingues (1936), que constou em uma biblioteca pedagógica. Em *Hereditariiedade e Eugenia: suas bases teoricas, suas aplicações praticas*, o autor não abordou de forma aprofundada os debates e saberes

eugênicos como nos manuais anteriores. Nessa obra, a proposta volta-se a orientar o leitor sobre as melhores formas de apresentar a hereditariedade e a eugenia no processo de ensino. O discurso não trouxe a complexidade e profundidade dos enunciados científicos que permeiam a hereditariedade e a eugenia, como nos manuais anteriores – por isso entendemos a necessidade de expor enunciados científicos para a proposta do manual –; trouxe, sim, uma linguagem simplificada, deixando de se aprofundar nos fundamentos biológicos e hereditários da eugenia.

Nesse manual, a educação aparece em três tipos de relações com a eugenia. Primeiramente, aparece como um meio de conscientização e vulgarização da ciência eugênica (Domingues, 1936, p. 22-23). A segunda relação entre a educação e a higiene refere-se às suas fronteiras de aplicabilidade em relação aos caracteres internos do indivíduo (p. 64-65). A terceira e última relação entre eugenia e educação é inédita no que diz respeito à apresentação de contribuições que os saberes genéticos ofereceram para a pedagogia:

E' que, enfim a genetica pode demonstrar, com um acervo precioso de documentos e provas experimentais, em como estava enganado o biologista do seculo passado, ao recomendar ao educador que tudo fizesse por formar o corpo e a alma da criança, dentro das melhores diretrizes, dos melhores métodos, porque assim, não sómente estaria ele preparando o cidadão de hoje, como preparando a semente do cidadão do amanhã. Sim, a genetica pode demonstrar, pela maneira mais convincente, que a nossa alma, como nosso corpo são expressões de uma coisa anterior, de uma tendencia de longe determinada, de uma inclinação que se não destroi, mas que vem passando de geração em geração, a evidenciar a perenidade da vida. [...] Somos o que foram de nossos avoengos. Somos o que foram os da nossa familia, os da nossa raça, pela mesma razão que somos o que foram os da nossa especie (Domingues, 1936, p. 90-91).

A genética pode demonstrar para a pedagogia que não basta se esforçar, não basta insistir e investir tempo e recursos de forma igual para todos, há aqueles que aprendem rápido, que são aptos à intelectualidade, moral e saúde; assim como há os doentes, os que não são aptos aos mesmos processos:

Tudo correria bem se os alumnos das escolas fossem todos de acentuado grau de inteligencia, se aprendessem depressa, e passassem adiante afim de dar lugar aos novos alfabetizantes. Infelizmente assim não é. E as classes vivem cheias de repetentes, de “cabeças duras”, de falsos vadios... De onde probém esse prejuízo? De uma pobreza intelectual hereditária... Senhora dessa verdade, o que faz a pedagogia esclarecida por Mendel? Agrupa os educandos de acordo com seu grau de inteligencia, afim de serem instruidos, ou melhor, educados observando-se seu proprio desenvolvimento intelectual. Assim o peso morto dos “mal-dotados” é sensivelmente atenuado, imaginando-se para eles até novos meios de ensino, com

que se acentuam seu aproveitamento. E com isso o progresso foi enorme. [...] Se conseguirmos um aperfeiçoamento dos retardados mentais, tornando-os capazes de serem cidadãos uteis, todo o feito do nosso esforço parou aí, e não irá além. O que conseguimos foi o melhoramento do indivíduo que, sem essa educação, seria fatalmente um fator social contraproducente. E já é muito. Só louvores merecem os que isso realizaram (Domingues, 1936, p. 93-94).

Concluímos que o discurso da educação eugênica do autor Octavio Domingues diversificou as concepções sobre as relações entre a educação e a eugenia, ao estabelecer, tal como o fez Renato Kehl, uma subordinação de outras disciplinas, ciências e áreas epistemológicas à ciência eugênica.

5 Conclusão

É possível afirmar, após a análise empregada sobre as fontes primárias, que o discurso educacional eugenista não se estabeleceu de forma aleatória ou estritamente acadêmica, foram demonstradas por meio da análise referencial e do sujeito dos enunciados diversas estratégias discursivas orientadas à aproximação do discurso intelectual ao sujeito leigo. Essas demonstrações corroboram para aprofundar a compreensão das estratégias educacionais de dois importantes eugenistas brasileiros, demonstrando que apesar de estar associada ao emprego das leis da hereditariedade no corpo social, a eugenia brasileira em seu caráter educativo e propagandista, dispunha de ferramentas discursivas capazes de engendrar nos indivíduos o convencimento, o conhecimento e a lógica da necessidade da regeneração de si próprio e da sociedade em que convivem.

Foram investigados cinco manuais eugênicos que se apresentaram para públicos distintos, em locais diferentes (escola, universidade e livraria), para os quais apresentaremos três conclusões sobre a análise dos discursos da educação eugênica presente nos manuais examinados.

Primeiramente, sobre os manuais, consideramos que sua função de existência como suporte é justamente a de fornecer um acesso aos leigos, pela possibilidade de praticarem – e se apropriarem dele – o discurso eugênico e o higiênico, ao aumentarem a lei de acesso ao arquivo dessas ciências, desses conceitos, dos enunciados que se filiam a essas positivities. O manual é a forma efetiva (no sentido de, materialmente, ter sido produzido e divulgado) de possibilitar que esses objetos enunciados, demasiadamente dispersos e contraditórios, possam ser ocupados por sujeitos que até então não os acessavam, não podiam ter acesso a uma biblioteca universitária, acesso a outros idiomas para ler eugenistas e higienistas internacionais, acesso econômico para comprar livros e periódicos, acesso além dos muros da escola e da universidade, nem possibilidade de entrar em contato com

essas ciências. Com isso, a escola, a universidade e a livraria seriam, agora, acessadas, por intermédio dos manuais, como centros de apropriação dos enunciados dessas ciências.

A segunda conclusão é a de que os objetos do discurso são objetos, mesmo que essa proposição soe tautológica, pois, no próprio momento de sua enunciação, são estabelecidas sua nomeação e diferenciação, e isso define que qualquer indivíduo possa se apropriar desses enunciados sem a necessidade prévia de um *a priori* discursivo, sem um *a priori* de saberes. O que diferencia cada manual é a variedade de objetos dos quais esses discursos da eugenia e da higiene se ocuparam. De tal modo, para a educação das crianças, dos jovens e dos universitários, foram elaborados manuais específicos para cada faixa etária, divisão que interferiu na escolha dos objetos e na forma de apresentação dos conteúdos.

Nos manuais infantis foram utilizados objetos vinculados ao referencial do cotidiano infantil, com o estabelecimento de um relacionamento entre o cotidiano e o saber médico, eugênico; e a suposição do que era a realidade de cada criança, o que era comum a seu cotidiano (lar, escola, família, afeto etc.). O estabelecimento dessa relação – no plano específico dessas ciências – com o que é possivelmente comum a essas crianças (aluno) é a formação discursiva da educação eugênica e da higiênica no que se refere à formação dos objetos, os quais, por sua vez, são formados no eixo dessa relação.

Em discordância dessa relação, nos outros manuais, o discurso não contempla o cotidiano, essa identidade suposta é dispersa. Em cada manual, diversos objetos se relacionam a uma quantidade considerável de planos correlatos, tais como: trabalho, beleza estética, doença, saneamento, raças, nação, matrimônio, prole, hereditariedade, moral, criminalidade, vícios etc.

Tal dispersão, tal pluralidade de objetos e planos, não garante uma unidade do discurso, principalmente, se relacionarmos os manuais infantis com os não infantis: que relação há entre eles? Neste primeiro estudo, conseguimos somente estabelecer um discurso (entendido como o conjunto de enunciados que se apoiem na mesma formação discursiva) a partir da formação das modalidades enunciativas (formação do sujeito), pois o que é comum a todos é esse suporte do manual que compreende objetos que são nomeados, diferenciados e descritos no mesmo nível, o que exclui a necessidade de o leitor já ser um especialista, de já ter acesso ao arquivo dessas ciências; trata-se de uma formação que se apoiou em abrir a possibilidade de todo e qualquer sujeito se apropriar desses discursos.

A linguagem imperativa e prescritiva somada ao jogo de consequências positivas e negativas (o modo como esses objetos foram expostos) foi a modalidade enunciativa escolhida para a educação infantil. Nesse sentido, consideramos o fator público-alvo (nível escolar) decisivo no restante dos outros quatro manuais, por exemplo, o estabelecimento

da relação entre alfabetização, cotidiano infantil e objetos respectivos no plano da eugenia e no da higiene.

Octavio Domingues publicou seus três manuais em três coleções de bibliotecas pedagógicas, orientadas tanto para os níveis ginásial e universitário como para a formação de professores. Para essa classe profissional, foram esclarecidas as funções da educação como objeto da teoria eugênica e designados seus limites de aplicação em torno da proposta do melhoramento da espécie humana. Nessa perspectiva, o professor é enunciado como um agente do convencimento e da criação de uma consciência eugênica nas escolas e na sociedade e de materiais didáticos e métodos de praticar uma educação eugenizada, como modelo a ser seguido.

Podemos definir que o público-alvo dos manuais (sujeitos do enunciado), a partir de critérios como nível de escolaridade e função no ambiente de ensino (aluno ou professor), foi um fator determinante para uma nova operação – talvez jamais vista antes em solo nacional –, em uma apropriação e ressignificação de enunciados, empregando método e professor como agentes filiados ao projeto eugênico, sendo esses agentes, esses representantes da educação, agora, proliferadores e, ao mesmo tempo, público-alvo dos projetos da ciências do melhoramento das sociedades humanas.

A educação foi primeiramente estabelecida como um meio de formação e propagação de uma consciência eugênica, por intermédio da persuasão educacional. A educação dos professores e dos adultos foi apresentada sob a tutela da eugenia e da higiene, como plataforma e condição limitadas, como meio de profilaxia e potencialização dos caracteres inatos do indivíduo.

Como terceira conclusão, percebemos que as pesquisas sobre educação eugênica foram pouco desenvolvidas até o presente momento, pois há poucos estudos que contemplaram em sua análise os manuais, ainda que estes tenham circulado por meio de grandes editoras brasileiras, com uma considerável quantidade de exemplares, o que nos permite afirmar que a pletera dos enunciados que formam e disseminam a eugenia e a higiene no Brasil ocorreu no nível da educação eugênica.

Vimos, assim, com um breve artigo, a riqueza da relação entre eugenia, higiene e educação nos discursos desses manuais; a pletera discursiva nessa relação somada à pouca quantidade de pesquisas que valorizaram esse relacionamento; e a limitada ação dessas ciências em outras esferas no Brasil – o que sugere que esses manuais e essas relações sejam, a partir de agora, valorizados como fontes para futuros estudos da eugenia e da higiene no Brasil.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Marta Maria C.; TOLEDO, Maria Rita A. A Biblioteca de educação de Lourenço Filho: uma coleção a serviço de um projeto de inovação pedagógica. **Revista de Estudos de Educação**, Sorocaba, v. 8, n. 2, p. 47-62, nov. 2006. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/150/150>. Acesso em: 6 abr. 2016.
- DÁVILA, Jerry. **Diploma de brancura**: política social e racial no Brasil – 1917-1945. Trad.: Claudia Sant’Ana Martins. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.
- DIWAN, Pietra. **O espetáculo do feio**: práticas discursivas e redes de poder no eugenismo de Renato Kehl. 2003. 192 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.
- DIWAN, Pietra. **Raça pura**: uma história da eugenia no Brasil e no mundo. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- DOMINGUES, Octavio. **A hereditariedade em face da educação**. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1929.
- DOMINGUES, Octavio. **Eugenia**: seus propósitos, suas bases, seus meios. São Paulo: Nacional, 1933.
- DOMINGUES, Octavio. **Hereditariedade e eugenia**: suas bases theoricas, suas aplicações práticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad.: Luiz Felipe Baeta Neves. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- GALÚCIO, Andréa L. X. **Civilização brasileira e brasiliense**: trajetórias editoriais, empresários e militância política. 2009. 314 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.
- JOAS, Hans; KNÖBL, Wolfgang. **Teoria social**: vinte lições introdutórias. Petrópolis: Vozes, 2017.
- KEHL, Renato. **A cura da fealdade**: eugenia e medicina social. São Paulo: Monteiro Lobato Editores, 1923.
- KEHL, Renato. **Cartilha de higiene**: alfabeto da saúde. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1936.
- KEHL, Renato. **A fada Hygia**: primeiro livro de Higiene. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1925.
- KINOSHITA, Caroline. **Um D. Quixote Científico a pregar para uma legião de Panças**: os manuais escolares de higiene à sombra da eugenia. 2013. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, 2013.

REIS, José Roberto Franco. De pequenino é que se torce o pepino: a infância nos programas eugênicos da Liga Brasileira de Higiene Mental. **Hist. Cienc. Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 135-157, jun. 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702000000200007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/Z76pr6qNqLGf3nFN54GQnKQ/?lang=pt>. Acesso em: 6 abr. 2016.

ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. A educação da infância: entre a família, a escola e a medicina. **Educação em Revista**, v. 26, n. 1, p. 235-261, abr. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982010000100012>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/XPcW8LMVQcTzgfK9L3vFRYf/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 6 abr. 2016.

ROSE, Nikolas. **A política da própria vida**: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTOS, Ricardo Augusto dos. **Pau que nasce torto nunca se endireita!** E quem é bom, já nasce feito? Esterilização, Saneamento e Educação: uma leitura do Eugenismo em Renato Kehl (1917-37). 2008. 257 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

SOUZA, Wanderlei Sebastião de. **A política biológica como projeto**: a eugenia negativa e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917- 1932). 2006. 220 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2006.

STEPAN, Nancy Leys. **The Hour of Eugenics**: race, gender and nation in Latin America. London: Cornell University Press, 1991.

Recebido em agosto/2022 | Aprovado em agosto/2023

MINIBIOGRAFIA

Vinícius Dias de Melo

Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Doutorando em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: vinicius.diasdemelo@gmail.com

Artur José Renda Vitorino

Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas. Professor Titular das Faculdades de História e Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. E-mail: arturvitorino@uol.com.br